

Infância, Adolescência e Juventude: áreas interdisciplinares em construção?

O lugar da interdisciplinaridade na produção do conhecimento científico das sociedades atuais parece cada vez mais evocado e sentido como necessário (FRODEMAN; KLEIN; PACHECO, 2010; KLEIN, 1990). No entanto, a “virada interdisciplinar”, ainda que propalada, não conseguiu efetuar mudanças estruturais sobre as práticas disciplinares que hegemonicamente modelam os processos de construção e transmissão dos saberes científicos. Como exemplo para tal reflexão, tomemos o(s) campo(s) da infância, adolescência e juventude, temas que balizam os esforços editoriais de publicação científica da revista DESIDADES. A política editorial dessa revista a apresenta como uma revista de “abordagem multidisciplinar”, o que se entende como acolhendo artigos de diversas áreas disciplinares que tenham a infância, a adolescência ou a juventude como temáticas de investigação. Com efeito, em levantamento feito até 2024 sobre as áreas disciplinares dos trabalhos publicados na revista (tendo como critério a formação disciplinar de seus autores), a revista contava com artigos provenientes de mais de vinte áreas, dentre elas, Educação, Psicologia, Sociologia, Enfermagem, Serviço Social, Educação Física, Medicina. A questão, no entanto, é: em que medida, e como, tal abordagem multidisciplinar caminha para a construção de um conhecimento interdisciplinar, ou tão somente, favorece a colaboração mais próxima de várias disciplinas em torno da mesma temática?

Em um editorial da revista *Childhood*, há mais de dez anos, Leena Alanen (2012) discute como o campo da infância – talvez muito mais do que os de suas “epistemes primas”, como o da adolescência e da juventude – tem investido na colaboração próxima de diversas disciplinas. Há mais de duas décadas o campo da infância tem buscado a interlocução de pesquisadores/as de várias áreas disciplinares, atestando para a insuficiência de uma única perspectiva disciplinar sobre as questões em pauta. Iniciativas de fomento ao diálogo e comunicação entre pesquisadores de diversas áreas disciplinares, em projetos de pesquisa, publicações e formação, tem sido impulsionadas, e têm mitigado as rígidas fronteiras disciplinares em favor de compreensões mais abrangentes. Idealmente, como defende Thorne (2007), a infância deveria se tornar um campo interdisciplinar. No entanto, frequentemente, o caminho, mais fácil e imediato tem sido aquele das “abordagens multidisciplinares”, que podem gerar, segundo Alanen, tendências positivas no sentido de se romper o isolamento disciplinar dos pesquisadores que constatarem a limitação das visões restritas às suas disciplinas. Todavia, a interdisciplinaridade exige muito mais do que isso (TURNER, 2000): almeja-se, outrossim, uma mudança epistemológica na direção de novos conhecimentos transversais às disciplinas, ou até, contra- ou anti-disciplinares, que problematizem a realidade de forma diferente e produzam novos sentidos e compreensões sobre ela (KLEIN, 1996).

Em muitos países do Sul Global, como o Brasil, mudanças na geração do conhecimento científico, como aquelas desejadas pela interdisciplinaridade requerem mais do que colaboração mútua de pesquisadores interessados e atentos, mas, sobretudo, investimentos, recursos e políticas estatais visando a fomentar a produção de conhecimentos inovadores para as demandas sociais. Pires (2025), em recente artigo na revista DESIDADES, discute, por exemplo, como as instituições de fomento à pesquisa permanecem inercialmente no registro estritamente disciplinar para a avaliação de projetos de pesquisa, o que dificulta, ou mesmo, impede que projetos interdisciplinares na área das Ciências Humanas, e da infância, consigam financiamento. Deste modo, a interdisciplinaridade coloca-se apenas como mais um modismo intelectual que, neste canto do mundo, não produz a discussão, a problematização e a reestruturação necessárias dos setores que se ocupam de fomentar e financiar as atividades científicas no Brasil.

Mas, mais ainda... A pergunta a fazer é como os campos interdisciplinares da infância, adolescência e juventude podem incorporar pesquisas vigorosas, inovadoras e densas para responder adequadamente aos problemas sociais, quando as formações dos futuros pesquisadores permanecem estritamente disciplinares, e raramente atravessam as diferentes disciplinas, tanto na graduação como na pós-graduação. Aqui me refiro particularmente ao Brasil em que a institucionalização da discussão interdisciplinar na(s) área(s) da infância, adolescência e juventude, com vistas à formação, é quase inexistente. Diferentemente de outros países em que a formação no nível de pós-graduação nessa(s) área(s) conseguiu se estabelecer como campo multi- ou interdisciplinar, não temos ainda um único programa de pós-graduação, *stricto sensu*, que responda a essa demanda.¹ Assim, a perspectiva interdisciplinar carece de uma “infraestrutura”, não apenas de políticas de fomento à pesquisa, mas de reestruturações no modo de funcionamento administrativo-acadêmico das próprias Universidades no tocante à transmissão do conhecimento científico. Ainda que muitas vezes os planos de desenvolvimento institucional das Universidades públicas propalem a interdisciplinaridade, as mudanças, para de fato ocorrerem, exigem que se enfrentem as difíceis disputas na redistribuição de recursos humanos e materiais que ocorrerão, na medida em que outros modos de funcionamento sejam propostos e consolidados, alterando relações de poder e privilégio existentes entre unidades, departamentos, centros e assim por diante.

Neste sentido, muitos são os obstáculos e dificuldades para se avançar no diálogo interdisciplinar, quanto mais na provisão de conhecimento científico de caráter mais abrangente e inovador. Na sua edição 31ª, a DESIDADES promoveu uma Seção Temática sobre Interdisciplinaridade dentre os pesquisadores do NIAJ, Núcleo de Estudos da Infância, Adolescência e Juventude da UFRJ. Foi uma tentativa de trazer à discussão

1 Alguns poucos exemplos do investimento na formação no nível de pós-graduação são: Norwegian Centre of Child Studies, vinculado à Universidade de Trondheim, Noruega, desde 1982; Centre for the Study of Child and Youth, vinculado à Universidade de Sheffield, UK, desde 2011; School of Child and Youth Care, University of Victoria, Canadá, desde 2003; Observatoire Jeunes et Société, vinculado à Universidade de Québec, desde 1998; Tampere Centre for Child Health Research, vinculado à Universidade de Tampere, Finlândia, desde 2011; Child and Youth Research Institute, University of Turku, Finlândia, 2015; Centro de Investigações de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Portugal, desde 2011; Department of Child Studies, University of Rutgers, USA, desde 2002. Na América Latina, o único centro nesta área encontra-se na Colômbia, o Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud, vinculado à Universidade de Manizales, desde 2011.

temáticas deste(s) campo(s) que demandam uma visada multi-, ou até, idealmente, interdisciplinar. Por exemplo, no artigo de Cunha e Corsino (2021), os dois autores, um pesquisador na área da medicina, e outra, pesquisadora na área da educação, tentam articular uma visada multidisciplinar sobre os “primeiros mil dias da criança” em que tanto o conhecimento da medicina, como o da educação, são essenciais para se formular políticas mais eficazes de cuidado à primeira infância. Ao longo da discussão travada o que se pode constatar é que a própria noção de *criança/infância*, como conceito científico, se transforma: ela deixa de ser encarada apenas na sua inscrição biológica – que pede atenção à nutrição adequada, por exemplo- para se tornar uma “pessoa” (Winnicott, 1982), um sujeito humano que, para além de nutrição adequada, tem, de modo prioritário, necessidades como escuta, cuidados, reciprocidade e calor afetivo para poder ser o que ela é. Neste sentido, o que se coloca é que, somente pelo difícil diálogo interdisciplinar, noções científicas mais apuradas podem ser produzidas. No caso, a noção de “bebê”, ou a noção de “criança até os dois anos”, ao inicialmente poderem ser discutidas no âmbito de abordagens multi-disciplinares, precisam ainda emergir como um novo conceito que problematize regimes de verdades disciplinares. Somente assim se pode alcançar uma formulação teórica mais complexa e abrangente que dê conta, de forma mais adequada, das respostas societárias ao que pedem “o bebê”, ou, “a criança de até dois anos”.

Portanto, os desafios da interdisciplinaridade estão colocados para o(s) campo(s) da infância, adolescência e juventude. Pesquisar, formar pesquisadores e profissionais, e atuar nos campos aplicados destas áreas, não podem mais se omitir, ou se evadir, da convocação de abertura, diálogo e construção de novas compreensões teóricas que podem superar a super especialização científica de suporte disciplinar que pode facilmente se distanciar dos propósitos emancipatórios que o conhecimento científico deve ter.

Lucia Rabello de Castro

Editora Chefe

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALANEN, L. Editorial. Disciplinarity, interdisciplinarity and childhood studies. **Childhood**, vol. 19, n. 4, p. 419-422, 2012.
- CUNHA, A. J. L.; CORSINO, P. As crianças e seus mil dias: articulações entre saúde e educação. **DESIDADES**, n. 31, p. 89-106, 2021.
- FRODEMAN, R.; KLEIN, J.; PACHECO, R. **The Oxford Handbook of Interdisciplinarity**. UK: Oxford University Press, 2010.
- KLEIN, J. T. **Interdisciplinarity: History, Theory and Practice**. Detroit, Michigan: Wayne State Press, 1990.
- _____. **Crossing Boundaries: Knowledge, Disciplinarity, and Interdisciplinarity**. Charlottesville; London: University Press of Virginia, 1996.
- PIRES, F. F. Algo de novo: pesquisa e formação na área da infância, adolescência e juventude. **DESIDADES**, n. 41, p. 17-29, 2025.
- THORNE, B. Editorial: Crafting the interdisciplinary field of childhood studies. **Childhood**, vol. 19, n. 1, p. 147-152, 2007.
- TURNER, S. What are disciplines? And how interdisciplinarity is different? Em: WEINGART, P.; STEHR, N. (Eds.). **Practising Interdisciplinarity**. Toronto: University of Toronto Press, 2000. p. 46-65.
- WINNICOTT, D. W. O bebê como pessoa. Em: WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

Infancia, Adolescencia y Juventud: ¿áreas interdisciplinarias en construcción?

El lugar de la interdisciplina en la producción de conocimientos científico de las sociedades actuales parece cada vez más evocado y sentido como necesario (FRODEMAN; KLEIN; PACHECO, 2010; KLEIN, 1990). Sin embargo, el “giro interdisciplinario”, aunque muy pregonado, no logró efectuar cambios estructurales sobre las prácticas disciplinarias que hegemonícamente modelan los procesos de construcción y transmisión de los saberes científicos.

Como ejemplo para esta reflexión, tomemos el(los) campo(s) de la infancia, adolescencia y juventud, temas que orientan los esfuerzos editoriales de publicación científica de la revista DESIDADES. La política editorial de esta revista la presenta como una revista de “abordaje multidisciplinario”, lo que se entiende como acogiendo artículos de diversas áreas disciplinarias que tengan a la infancia, adolescencia o a la juventud como temáticas de investigación. En efecto, en relevamiento hecho hasta 2024 sobre las áreas disciplinarias de los trabajos publicados en la revista (teniendo como criterio la formación disciplinaria de sus autores), la misma contaba con artículos provenientes de más de veinte áreas, entre ellas, Educación, Psicología, Sociología, Enfermería, Trabajo Social, Educación Física, Medicina. La cuestión, sin embargo, es: ¿en qué medida, y cómo, tal abordaje multidisciplinario camina hacia la construcción de un conocimiento interdisciplinario, o tan solo, favorece la colaboración más próxima de varias disciplinas en torno de la misma temática?

En una editorial de la revista *Childhood*, hace más de diez años, Leena Alanen (2012) discute cómo el campo de la infancia – tal vez mucho más de lo que los de sus “epistemes primas”, como el de la adolescencia y de la juventud – ha invertido en la colaboración próxima de diversas disciplinas. Hace más de dos décadas el campo de la infancia ha buscado la interlocución de investigadores de varias áreas disciplinarias, dando fe de la insuficiencia de una única perspectiva disciplinaria sobre las cuestiones en pauta. Iniciativas de fomento al diálogo y comunicación entre investigadores de diversas áreas disciplinarias, en proyectos de investigación, publicaciones y formación, han sido impulsadas, y han atenuado las rígidas fronteras disciplinarias en nombre de comprensiones más abarcadoras. Idealmente, como defiende Thorne (2007), la infancia debería tornarse un campo interdisciplinario. Sin embargo, frecuentemente, el camino más fácil e inmediato ha sido aquel de los “abordajes multidisciplinarios”, que pueden generar, segundo Alanen, tendencias positivas en el sentido de romper el aislamiento disciplinario de los investigadores que constatan la limitación de las visiones restrictas a sus disciplinas. Aun así, la interdisciplina exige mucho más que eso (TURNER, 2000): se busca, además, un cambio epistemológico en la dirección de nuevos conocimientos transversales a las disciplinas, o, inclusive, contra o antidisciplinarios, que problematicen la realidad de forma diferente y produzcan nuevos sentidos y comprensiones sobre la misma (KLEIN, 1996).

En muchos países del Sur Global, como Brasil, cambios en la generación de conocimiento científico, como aquellos deseados por la interdisciplina requieren más que colaboración mutua de investigadores interesados y atentos, pero, sobre todo, inversiones, recursos y políticas estatales que busquen fomentar la producción de conocimientos innovadores para las demandas sociales. Pires (2025), en un reciente artículo en la revista DESIDADES, discute, por ejemplo, cómo las instituciones de fomento a la investigación permanecen inercialmente en el registro estrictamente disciplinario para la evaluación de proyectos de investigación, lo que dificulta, o, inclusive, impide que proyectos interdisciplinarios en el área de las Ciencias Humanas, y de la infancia, consigan financiamiento. De este modo, la interdisciplina se coloca simplemente como un modismo intelectual más que, en este rincón del mundo, no produce la discusión, la problematización y la reestructuración necesarias de los sectores que se ocupan de fomentar y financiar las actividades científicas en Brasil.

Pero, yendo más lejos...la pregunta a hacerse es cómo los campos interdisciplinarios de la infancia, adolescencia y juventud pueden incorporar investigaciones vigorosas, innovadoras y densas para responder adecuadamente a los problemas sociales, cuando las formaciones de los futuros investigadores permanecen estrictamente disciplinarias, y raramente atraviesan las diferentes disciplinas, tanto en la formación de grado como en la de postgrado. Aquí me refiero particularmente a un Brasil en el que la institucionalización de la discusión interdisciplinaria en el(las) área(s) de la infancia, adolescencia y juventud, con miras a la formación, es casi inexistente. Diferentemente de otros países en que la formación en el nivel de postgrado en este(a) área(s) ha conseguido establecerse como campo multi o interdisciplinario, no tenemos aún un único programa de postgrado, *stricto sensu*, que responda a esta demanda.¹ Así, la perspectiva interdisciplinaria carece de una “infraestructura”, no solamente de políticas de fomento a la investigación, sino de reestructuraciones en el modo de funcionamiento administrativo-académico de las propias Universidades en lo tocante a la transmisión de conocimiento científico. Si bien es cierto que, muchas veces, los planes de desarrollo institucional de las Universidades públicas pregonan la interdisciplina, los cambios para que de hecho ocurran exigen que se enfrenten las difíciles disputas en la redistribución de recursos humanos y materiales que sucederán en la medida en que otros modos de funcionamiento sean propuestos y consolidados, alterando relaciones de poder y privilegio existentes entre unidades, departamentos, centros, y así sucesivamente.

En este sentido, muchos son los obstáculos y dificultades para avanzar en el diálogo interdisciplinario, aún más en la provisión de conocimiento científico de carácter más abarcativo e innovador. En su edición 31^o, DESIDADES promovió una Sección Temática sobre Interdisciplina entre los investigadores del NIAJ, Núcleo de Estudos da Infância, Adolescência e Juventude de la UFRJ. Fue un intento de traer a la discusión temáticas

1 Algunos pocos ejemplos de inversiones en la formación en nivel de postgrado son: Norwegian Centre of Child Studies, vinculado a la Universidad de Trondheim, Noruega, desde 1982; Centre for the Study of Child and Youth, vinculado a la Universidad de Sheffield, UK, desde 2011; School of Child and Youth Care, University of Victoria, Canadá, desde 2003; Observatoire Jeunes et Société, vinculado a la Universidad de Quebec, desde 1998; Tampere Centre for Child Health Research, vinculado a la Universidade de Tampere, Finlandia, desde 2011; Child and Youth Research Institute, University of Turku, Finlandia, 2015; Centro de Investigações de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Portugal, desde 2011; Department of Child Studies, University of Rutgers, USA, desde 2002. En Latinoamérica, el único centro en éste área se encuentra en Colombia, el Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud, vinculado a la Universidad de Manizales, desde 2011.

de este(os) campo(s) que demandan una mirada multi- o, inclusive, idealmente, interdisciplinaria. Por ejemplo, en el artículo de Cunha y Corsino (2021), los dos autores, un investigador en el área de la medicina, y, la otra, investigadora en el área de la educación, intentan articular una mirada interdisciplinaria sobre los “primeros mil días del niño” en que tanto el conocimiento de la medicina, como el de la educación, son esenciales para formular políticas más eficaces de cuidado a la primera infancia. A lo largo de la discusión, lo que se puede constatar es que la propia noción de *niñez/ infancia*, como concepto científico, se transforma: deja de ser encarada solamente en su inscripción biológica – que demanda atención a la nutrición adecuada, por ejemplo- para tornarse una “persona” (Winnicott, 1982), un sujeto humano que, mas allá de nutrición adecuada, tiene, de modo prioritario, necesidades como escucha, cuidados, reciprocidad y calor afectivo para poder ser lo que es. En este sentido, lo que se coloca es que, solamente por el difícil diálogo interdisciplinario, nociones científicas más perfeccionadas pueden ser producidas. En este caso, la noción de “bebé”, o la noción de “niño hasta los dos años”, al inicialmente poder ser discutidas en el ámbito de abordajes multidisciplinarios, necesitan aún emerger como un nuevo concepto que problematice regímenes de verdades disciplinarias. Solamente así se puede alcanzar una formulación teórica más compleja y abarcativa que pueda, de forma más adecuada, dar respuestas societarias a lo que piden “el bebé”, o, “el niño de hasta dos años”.

Por lo tanto, los desafíos de la interdisciplina están colocados para el(los) campo(s) de la infancia, adolescencia y juventud. Investigar, formar investigadores y profesionales, y actuar en los campos aplicados de estas áreas, no pueden omitirse más, o evadirse, de la convocatoria de apertura, diálogo y construcción de nuevas comprensiones teóricas que puedan superar la super especialización científica de soporte disciplinar que puede fácilmente distanciarse de los propósitos emancipatorios que el conocimiento científico debe tener.

Lucía Rabello de Castro

Jefa de Edición

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALANEN, L. Editorial. Disciplinarity, interdisciplinarity and childhood studies. **Childhood**, vol. 19, n. 4, p. 419-422, 2012.
- CUNHA, A. J. L.; CORSINO, P. As crianças e seus mil dias: articulações entre saúde e educação. **DESIDADES**, n. 31, p. 89-106, 2021.
- FRODEMAN, R.; KLEIN, J.; PACHECO, R. **The Oxford Handbook of Interdisciplinarity**. UK: Oxford University Press, 2010.
- KLEIN, J. T. **Interdisciplinarity: History, Theory and Practice**. Detroit, Michigan: Wayne State Press, 1990.
- _____. **Crossing Boundaries: Knowledge, Disciplinarity, and Interdisciplinarity**. Charlottesville; London: University Press of Virginia, 1996.
- PIRES, F. F. Algo de novo: pesquisa e formação na área da infância, adolescência e juventude. **DESIDADES**, n. 41, p. 17-29, 2025.
- THORNE, B. Editorial: Crafting the interdisciplinary field of childhood studies. **Childhood**, vol. 19, n. 1, p. 147-152, 2007.
- TURNER, S. What are disciplines? And how interdisciplinarity is different? Em: WEINGART, P.; STEHR, N. (Eds.). **Practising Interdisciplinarity**. Toronto: University of Toronto Press, 2000. p. 46-65.
- WINNICOTT, D. W. O bebê como pessoa. Em: WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.